

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NA CIDADE
DE MACAÉ, NO PERÍODO 2000-2009**

LEO MORELENBAUM GJORUP

Matrícula nº: 106021990

ORIENTADOR: PROF. RENE LOUIS DE CARVALHO

ABRIL de 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NA CIDADE
DE MACAÉ, NO PERÍODO 2000-2009**

Leo Morelenbaum Gjorup
Matrícula nº: 106021990

ORIENTADOR: Rene Louis de Carvalho

Abril de 2011

As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade do autor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, por todo apoio dedicado a mim e a meus irmãos ao longo de nossas vidas acadêmicas e pessoais. Em especial, gostaria de agradecer aos meus avós Sarinha e Henrique, pelo apoio incondicional e papel preponderante na minha formação como ser humano.

Agradeço aos meus amigos, por todos os momentos que fazem a vida valer à pena.

Agradeço aos Professores do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro por todo estímulo que me deram no decorrer de minha formação acadêmica, em especial ao meu orientador, professor Rene Louis de Carvalho.

Por fim, gostaria de agradecer a todos que, por qualquer motivo, acreditam que a educação e o diálogo são as melhores soluções para a evolução da humanidade.

RESUMO

Através desta monografia procurou-se entender como se deu o desenvolvimento da economia da cidade de Macaé entre os anos 2000 e 2009. Buscou-se investigar quais os setores da economia que mais cresceram, através da análise da evolução do nível de emprego formal dos setores do município. Além da análise setorial de alocação da mão-de-obra, buscou-se fazer uma análise qualitativa da mesma, observando-se a evolução dos salários e do nível de qualificação acadêmica destes trabalhadores. Procurou-se analisar, também, como o desenvolvimento de Macaé neste período se relaciona com as teorias de François Perroux e Douglass Cecil North, sobre pólos de crescimento e bases de exportação, respectivamente.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 - OS REFLEXOS DAS ATIVIDADES PRODUTIVAS SOBRE O TERRITÓRIO E SUAS CONSEQÜÊNCIAS.	8
1.1 – PERROUX E O CONCEITO DE PÓLO DE CRESCIMENTO	8
1.1.1 – INDÚSTRIA MOTRIZ E CRESCIMENTO	9
1.1.2 – COMPLEXO DE INDÚSTRIAS E CRESCIMENTO	12
1.1.2.1 – A INDÚSTRIA-CHAVE	12
1.1.2.2 – O REGIME NÃO-CONCORRENCIAL DO COMPLEXO	12
1.1.2.3 – A AGLOMERAÇÃO INDUSTRIAL	13
1.2 – NORTH E A TEORIA DA LOCALIZAÇÃO E CRESCIMENTO ECONÔMICO REGIONAL	14
1.2.1 – OS CINCO ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL	15
1.2.2 – O PAPEL DA BASE DE EXPORTAÇÃO NA FORMAÇÃO DE CENTROS NODAIS	16
1.2.3 – O CRESCIMENTO E A INDUSTRIALIZAÇÃO.....	16
CAPÍTULO 2 - A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS DE MACAÉ, ATÉ OS DIAS DE HOJE.	20
2.1 –A ERA PRÉ-PETRÓLEO	20
2.2 – O DESENVOLVIMENTO E AS TRANSFORMAÇÕES DE MACAÉ APÓS A DESCOBERTA DE PETRÓLEO NA CIDADE .	23
2.3 – Os ROYALTIES DO PETRÓLEO E SUAS APLICAÇÕES	25
CAPÍTULO 3 - A EVOLUÇÃO DO EMPREGO EM MACAÉ, NO PERÍODO 2000-2009	28
3.1 – EVOLUÇÃO DO EMPREGO E GRAU DE ESCOLARIDADE NO MUNICÍPIO DE MACAÉ.	29
3.2 – EVOLUÇÃO DOS RENDIMENTOS DO EMPREGO FORMAL EM MACAÉ, NO PERÍODO DE 2000 ATÉ 2009.	33
3.3 – CRESCIMENTO DO EMPREGO FORMAL POR SETORES DA ECONOMIA EM MACAÉ.....	37
3.4 – CRESCIMENTO DO EMPREGO FORMAL POR SUBSETORES DO IBGE EM MACAÉ.	41
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

INTRODUÇÃO

Na década de 1970, com a descoberta das reservas de petróleo na Bacia de Campos, a Petrobrás decidiu instalar seu centro de operações na região na cidade de Macaé. Com isso, uma cidade que não tinha maior destaque regional até então, se tornou um centro de investimentos da estatal, ganhando relevância econômica a nível nacional.

Macaé representa um caso clássico de surgimento de uma base produtiva em uma região e município estagnados economicamente. A extração de petróleo e a escolha de Macaé como centro de operações da Petrobrás na Bacia de Campos imprimem um forte dinamismo no município, como mostra a literatura dedicada ao tema [em particular Fauré].

Tendo como pano de fundo este crescimento inédito da cidade de Macaé, com o aumento das atividades relacionadas à extração de petróleo na Bacia de Campos, o presente estudo objetiva analisar como vem se dando o desenvolvimento e a diversificação recentes da economia desta cidade do Norte fluminense, no período compreendido entre os anos de 2000 e 2009. Com isso, duas questões se colocam: a continuidade do crescimento e, sobretudo, em que medida a economia municipal vem se diversificando para diminuir sua dependência do setor petrolífero.

Para este fim, este trabalho se divide em três capítulos, além da conclusão e desta introdução. No capítulo 1, para melhor entendimento do processo de formação de um pólo de crescimento e de uma base de exportação são estudadas as teorias de economia regional do francês François Perroux e do americano Douglass Cecil North.

No capítulo 2 será analisada a história de Macaé dividida em dois períodos: o primeiro período analisado é o que compreende o início da ocupação do território que hoje compreende a cidade de Macaé, até a década de 1970, o que será chamado neste estudo de “era pré-petróleo”. O segundo período estudado compreende os anos desde a década de 1970 até os dias de hoje, ou seja, o período de ocorrência da exploração de petróleo. Ainda no segundo capítulo se dedicará atenção à questão dos royalties recebidos por Macaé referentes à extração de petróleo. É importante lembrar que como o período estudado neste

trabalho compreende os anos de 2000 a 2009, a recente discussão sobre partilha dos royalties não foi posta em questão.

No capítulo 3 será feita uma análise empírica, quantitativa e qualitativa, a partir de dados coletados na RAIS sobre a diversificação da economia macaense no período estudado. Através da análise dos dados de emprego formal na cidade, se pretende apontar o quão diversificada estava a economia do município ao final de 2009 (através da alocação setorial destes trabalhadores) e qual o nível de formação acadêmica e de remuneração dos mesmos, a fim de apontar se Macaé está caminhando para uma economia mais sofisticada em relação ao que era antigamente.

CAPÍTULO 1 - OS REFLEXOS DAS ATIVIDADES PRODUTIVAS SOBRE O TERRITÓRIO E SUAS CONSEQUÊNCIAS.

As atividades produtivas em Macaé agem de maneiras distintas sobre o território do município, acarretando impactos diferentes. Para fazer uma análise sobre os impactos dessas atividades sobre a economia macaense, utilizaremos as teorias de economia regional do francês François Perroux e do norte-americano Douglass Cecil North, sobre pólos de crescimento e bases de exportação, respectivamente.

Nesta análise, tentaremos elucidar de que maneira uma atividade exportadora competitiva, como a extração de petróleo, que está voltada para mercados longínquos (uma vez que a região em que Macaé se localiza é pouco desenvolvida), pode ter contribuído para o desenvolvimento do município, no período compreendido entre os anos de 2000 e 2009. Ainda neste foco, analisaremos em que medida essa indústria atraiu outras empresas (fornecedores e clientes) nesse período, em função de seus laços funcionais, tornando-se também, desta maneira, no principal vetor de desenvolvimento regional.

A escolha pelas teorias destes dois autores se deve ao fato de que elas se aplicam diretamente aos casos de crescimento de uma região pouco desenvolvida com um entorno praticamente estagnado, a partir de um produto voltado à demanda externa à região e intenso em encadeamentos produtivos.

Enquanto Perroux acredita que uma das formas mais eficazes de desenvolver regiões estagnadas é implantando e desenvolvendo nela indústrias motrizes, capazes de atrair empresas clientes e fornecedoras, North dá ênfase, sobretudo às relações entre a produção voltada à demanda externa e as atividades domésticas.

1.1 – Perroux e o conceito de pólo de crescimento

O economista francês François Perroux desenvolveu um importante trabalho sobre o conceito de pólo de crescimento. Nele tenta identificar se e em que medida a implantação

de uma indústria moderna em determinada região tem como consequência a atração de outras empresas ou indústrias para aquele local, que manteriam relações funcionais relevantes (fornecedores e clientes) com a primeira

Perroux (1955, apud Schwartzman, 1977). começa nos dizendo que o desenvolvimento é desequilibrado: e não surge ao mesmo tempo em todos os lugares, mas apenas em pontos ou pólos de crescimento.

Um dos aspectos das mudanças estruturais consiste no aparecimento e desaparecimento de indústrias, na proporção variável das diversas indústrias no fluxo do produto industrial global, ao longo de períodos sucessivos e nas taxas de crescimento diferentes para as diferentes indústrias, ao longo de um mesmo período ou de períodos sucessivos. (p.146)

Ou seja, o crescimento, para o autor, ocorre em pontos e épocas específicas, ocasionado por eventos distintos que podem vir a gerar mudanças na estrutura daquela economia.

Para a compreensão dos mecanismos de crescimento acelerado, Perroux põe em evidência três questões: 1) A indústria motriz e seu papel no crescimento; 2) O complexo de indústrias e o crescimento e 3) A expansão dos pólos de crescimento e o crescimento das economias nacionais.

1.1.1 – Indústria Motriz e Crescimento

Perroux (1955, apud Schwartzman, 1977) fala de certas indústrias que se desenvolvem antes que outras, “sob a forma da grande indústria moderna: separação dos fatores de produção, concentração dos capitais sob um mesmo poder, decomposição técnica das tarefas e mecanização” (p.147).

Também as taxas de crescimento dessas indústrias, durante certos períodos, são maiores que a taxa média de crescimento do produto industrial e do produto da economia nacional. Perroux ressalta que, após períodos sucessivos de taxas de crescimento aceleradas, ela chega a um limite e passa a sofrer um declínio relativo.

Essas indústrias dinâmicas exercem impactos sobre o território que não se limitam ao crescimento do produto.

De acordo com as teorias do equilíbrio, a maximização dos lucros de uma firma individual é consequência da maximização do produto global no ponto ótimo, sob o equilíbrio geral da concorrência perfeita. Esse lucro, por sua vez, seria função das vendas e das compras no mercado de fatores.

O autor diz que diferentemente das situações em que cada firma maximiza seus próprios lucros por decisões próprias, levando em consideração apenas o preço (que seria o único indicador pelo qual suas decisões se ligariam às das outras firmas), quando os lucros dependem de suas vendas e compras no mercado de fatores, das vendas e das compras de fatores e de outra firma, outra situação se estabeleceria. São freqüentes situações onde o lucro de uma empresa está ligado às decisões de outras indústrias.

Nessa nova situação, o vínculo entre as duas firmas não se estabelece pela existência de um preço único, mas sim pelas vendas de bens e serviços e também pelas compras no mercado de fatores. Uma vez que estes elementos dependem da técnica e de suas mudanças, eles estariam, também, por elas ligados.

Isso é o que Perroux (1955, apud Schwartzman, 1977) chamou de “uma das conceituações recentes do termo economias externas (“external economies”)” (p.148).

Em sua análise das indústrias motrizes, o autor diz que, ao se compararem firma e indústria, o conceito das inter-relações entre firmas pode ser estendido às inter-relações entre indústrias e que, ao se eliminar o conceito de indústrias e manter-se o de um conjunto de empresas, as economias externas se aplicariam de maneira instantânea.

Desta maneira, Perroux (1955, apud Schwartzman, 1977) diz que:

Os lucros, em lugar de serem formados através das decisões de cada firma, no tocante às suas compras e vendas de bens e serviços, são induzidos pelas compras e vendas de bens e serviços da outra firma (p.149).

Assim, os lucros de uma empresa passam a depender também das atividades de outras, tornando desejáveis melhorias nos processos produtivos destas empresas (pertencentes à mesma indústria ou não) e caracterizando o que pode se tornar o embrião de um pólo de crescimento, já que o crescimento de uma empresa (ou indústria) estimularia o crescimento das outras, uma vez estabelecidas as relações funcionais entre elas.

Scitovsky, citado por Perroux (1955, apud Schwartzman, 1977), também analisa a influência de uma indústria sobre a expansão das atividades de outras, dizendo que o crescimento de uma indústria pode induzir a lucros nos seguintes casos:

- Em uma indústria B, que compra fatores produzidos pela indústria A;
- Em uma indústria C, cujo produto é complementar do produto da indústria A;
- Em uma indústria D, cujo produto é substituto dos fatores utilizados pela indústria A;
- Em uma indústria E, cujo produto é consumido pelos indivíduos cuja renda é aumentada pelo crescimento de A.

Ou seja, em todos os casos, o sucesso de uma determinada indústria acaba por alavancar a atividade de outras, aumentando as chances de sucesso das indústrias que com ela se relacionam.

Outra questão abordada pelo autor é a maneira com que uma indústria motriz atuaria sobre o produto global da economia. Ele diz que a ação de uma indústria nova, uma vez que esta esteja incorporada à economia, sobre o produto global, de período a período, pode ser observada analiticamente, fazendo a distinção de:

1) Sua participação própria no produto global (a dimensão do seu produto no produto global); 2) O suplemento de produto que, de período a período, ele induz em seu ambiente.[...] O aumento do produto global depende: a) dos níveis dos produtos adicionais próprios das indústrias novas tomadas em conjunto e b) dos níveis

dos produtos adicionais induzidos das indústrias novas tomadas em conjunto. (p.150)

1.1.2 – Complexo de Indústrias e Crescimento

Perroux introduz três novos elementos em sua análise de um complexo de indústrias: 1) a indústria chave; 2) o regime não-concorrencial do complexo e 3) o fato da aglomeração industrial. Ele chama de indústria motriz:

Uma indústria que tenha a propriedade de aumentar as vendas (e as compras de serviços) de uma outra, ou de várias outras indústrias, ao aumentar suas próprias vendas (e suas compras de serviços produtivos). (p.152)

As indústrias movidas, por outro lado, são as indústrias influenciadas pela indústria motriz.

1.1.2.1 – A indústria-chave

A indústria chave descrita pela teoria de Perroux é a indústria que induz um acréscimo global de vendas na economia muito maior que o acréscimo experimentado por suas próprias vendas.

Como possíveis candidatas a indústrias-chave, ele enumera as indústrias que fabricam complementares múltiplos, como matérias-prima, energia e transportes. Porém, ele ressalta que para que elas se tornem, de fato, indústrias-chave, outras condições devem ser satisfeitas. Para Perroux (1955, apud Schwartzman, 1977):

Em toda estrutura de uma economia articulada, existem indústrias que constituem pontos privilegiados de aplicação das forças ou dinamismos de crescimento. Quando essas forças provocarem aumento das vendas de uma indústria-chave, provocarão também expansão e crescimento, de grande vulto, no conjunto mais amplo. (p.153)

1.1.2.2 – O regime não-concorrencial do complexo

Perroux (1955, apud Schwartzman, 1977) considera o regime do complexo industrial desestabilizante, uma vez que ele seria uma combinação de formas oligopólicas. Este monopólio parcial poderia impor “um acordo às pequenas firmas satélites ou participar delas, empregando suas reservas acumuladas” (p.153), o que provavelmente ocorreria.

Sobre a ação “desestabilizante” de um regime de complexo industrial, tomado isoladamente, Perroux (1955, apud Schwartzman, 1977) diz que:

A ação “desestabilizante” [...] constitui um surto de crescimento quando, a longo prazo, a firma dominante eleva a produtividade da indústria e realiza uma acumulação de capital eficiente, superior àquela que teria ocorrido no caso de uma indústria submetida a um regime maior de concorrência. (p.153)

A resultante dessas forças provocaria a expansão e o crescimento das indústrias movidas como um todo.

1.1.2.3 – A aglomeração industrial

Perroux (1955, apud Schwartzman, 1977) diz que “a aglomeração territorial adiciona suas conseqüências específicas à natureza da atividade (indústrias-chave) e ao regime não-concorrencial do complexo” (p.154). Ele acrescenta que em um pólo industrial complexo, que esteja em crescimento e geograficamente aglomerado, os contatos humanos e a proximidade acarretam em efeitos de intensificação das atividades econômicas. O autor considera que a aglomeração industrial-urbana faria com que os padrões de consumo urbanos se tornassem diversificados e progressivos, se comparados aos do meio rural.

O autor ressalta a criação de externalidades positivas da aglomeração territorial, pois, segundo ele (1955, apud Schwartzman, 1977):

Necessidades coletivas (habitação, transportes, serviços públicos) emergem e se encadeiam. Rendas da terra vêm somar-se aos lucros dos negócios. No âmbito da produção, tipos de produtores (empresários, trabalhadores qualificados, quadros industriais) formam-se e mutuamente se influenciam, criam suas tradições e eventualmente participam do espírito coletivo. (p.154)

Ou seja, Perroux atribui à proximidade desses produtores, a criação de uma cultura produtiva própria do complexo, sempre influenciada pelas ações de indústrias-chave e motrizes.

Para Perroux, o desenvolvimento do pólo depende inicialmente da atração de empresas fornecedoras e clientes e uma integração técnica entre as empresas de uma

mesma região. Caso essa integração não ocorra, a estrutura econômica regional permaneceria débil. A integração seria o motor do crescimento e de aceleração da economia.

Perroux considera, portanto, que o crescimento estaria condicionado às intensidades tanto dos fluxos das rendas pessoais quanto das relações técnicas e comerciais entre as empresas localizadas na mesma região, sendo este segundo aspecto o verdadeiro fator capaz de desencadear o crescimento. Essas relações entre as empresas assegurariam uma forma de desenvolvimento superior àquela alcançada por um pólo de crescimento voltado apenas à exportação.

1.2 – North e a Teoria da Localização e Crescimento Econômico Regional

O economista norte-americano Douglass Cecil North analisa o crescimento econômico em regiões de colonização recente que se organizam para explorar um recurso voltado à exportação, que ele chama de bases de exportação.

A base de exportação necessita de mais infraestrutura para se desenvolver (portos, estradas, planejamento etc.). A implantação desta infraestrutura é uma importante externalidade positiva para novos produtos de exportação. Ela pode atrair também, em certos casos, indústrias fornecedoras que permitam exportar produtos com maior valor agregado.

O motor do desenvolvimento, para North, está na inter-relação entre a base de exportação (que gera renda) e atividades locais que podem se desenvolver a partir dos estímulos de renda da exportação.

Podemos dizer que North dá maior importância à diversificação da economia como forma de desenvolvimento. Essa diversificação é origem de novos produtos de exportação.

A diversificação econômica dependeria sobretudo do impacto da renda gerada pela base de exportação para as atividades domésticas.

1.2.1 – Os Cinco Estágios do Desenvolvimento Regional

North considera que a teoria dominante para o desenvolvimento regional não se adéqua aos países novos.

Hoover e Fischer, citados por North (1955, apud Schwartzman, 1977) afirmam que “existe atualmente um corpo de teoria [...] sobre a seqüência normal dos estágios do desenvolvimento de uma região”. (p.293)

Essa teoria vê o desenvolvimento regional como uma seqüência de cinco estágios que são comuns à Europa:

1 - O primeiro estágio da história econômica da maioria das regiões é uma fase de economia de subsistência, auto-suficiente, na qual existe pouco investimento ou comércio. A camada principal da população, a agrícola, localiza-se de acordo apenas com a distribuição dos recursos naturais.

2 - À medida em que ocorrem melhorias nos transportes, a região passa a desenvolver algum comércio e especialização local. [...]

3 - Com o aumento do comércio inter-regional a região tende a se deslocar através de uma sucessão de culturas agrícolas [...].

4 - Por causa do crescimento da população e dos rendimentos decrescentes da agricultura e das outras indústrias extrativas, a região é obrigada a se industrializar. [...] Os primeiros estágios de industrialização baseiam-se, tipicamente, em produtos agrícolas e florestais [...]. Caso a industrialização prossiga, os recursos minerais e energéticos assumem importância decisiva. Como segundo estágio de industrialização, encontramos, [...] refinamento de petróleo, indústrias químicas baseadas principalmente no carvão, petróleo [...].

5 - Atinge-se o estágio final de desenvolvimento regional quando a região se especializa em atividades terciárias, produzindo para exportação. Nesse estágio a região exporta capital, mão-de-obra qualificada e serviços especiais para regiões menos desenvolvidas. (p. 293-294)

Ou seja, as regiões passariam por um processo de transformação de uma economia de subsistência para uma economia exportadora de capital físico e humano, altamente qualificado. Esse processo seria desenvolvido a partir da melhoria da infraestrutura e das condições de transporte. North cita as atividades de base, como as relacionadas ao petróleo, como possível parte de um dos últimos estágios de desenvolvimento.

1.2.2 – O papel da base de exportação na formação de centros nodais

North (1955, apud Schwartzman, 1977) diz que os “nódulos crescem por causa de vantagens locais especiais, as quais diminuem os custos de transferência e processamento dos artigos de exportação” (p.304) e que:

Os centros nodais se tornam centros comerciais, através dos quais as exportações saem da região e as importações entram, para a distribuição em toda a área. Nestes lugares aqui se desenvolvem meios especiais para implementar a produção e a distribuição dos produtos primários. As indústrias subsidiárias para servir à indústria de exportação, bem como os bancos especializados, os serviços de corretagem, os atacadistas, e outros negócios, se concentram nesses centros e atuam para melhorar a posição de custo do artigo de exportação. (p.304)

O autor também ressalta a importância das atitudes políticas do governo da região serem direcionadas no sentido de melhorar a posição de sua base de exportação, reforçando o protagonismo dessa atividade no âmbito econômico regional. Desta forma, a base de exportação desempenharia um papel importantíssimo no que tange à determinação do nível de renda absoluta e per capita de uma região.

É importante lembrar, nesse sentido, que a evolução nos estágios de desenvolvimento, originada no sucesso da base de exportação, leva a uma melhor qualificação da força de trabalho, elevando rendas e salários. North chama a atenção para o fato de que a estrutura social da região desempenha um papel relevante para o desenvolvimento da região, já que uma estrutura de renda muito polarizada dificulta o desenvolvimento e a diversificação das atividades domésticas.

1.2.3 – O crescimento e a industrialização

North diz que o crescimento de uma base de exportação devido ao sucesso de suas exportações pode ocorrer de duas maneiras: como resultado da melhoria da posição das exportações existentes, em relação às áreas competitivas, ou como fruto do desenvolvimento de novos produtos de exportação.

O autor questiona, entretanto, se é necessário à região se industrializar, caso queira continuar a crescer.

Hoover e Fischer, citados por North (1955, apud Schwartzman, 1977), enumeraram três fatores que tornam difícil essa transição:

1) a necessidade de meios de transporte grandemente melhorados, o que necessita de investimentos de capital em grande escala; 2) a necessidade de intensificação da divisão geográfica do trabalho; 3) o fato de que a tecnologia industrial é desconhecida em uma região agrícola. (p.304-305)

North sustenta que se essas afirmações forem corretas, em algum momento da história, a região deve passar por um processo de transição de uma base extrativa para uma base exportadora industrial, ressaltando as dificuldades dessa transformação.

North (1955, apud Schwartzman, 1977) afirma que se tomando como conceito de industrialização, o de “uma região, cuja base de exportação consiste, principalmente, de bens de consumo finais e/ou bens manufaturados intermediários” (p.308), pode-se resumir o argumento da seguinte maneira:

(1) Não existe razão porque todas as regiões devam se industrializar para continuar a crescer. (2) Uma grande quantidade de indústria secundária (e terciária) se desenvolverá automaticamente, seja por causa das vantagens locacionais da indústria orientada para as matérias-primas, seja como um reflexo passivo do crescimento da renda da região, resultante do sucesso de seus produtos de exportação. (3) O conceito de industrialização é um conceito ambíguo, que precisa de maior elucidação se se deseja sua utilização. (p.308)

O autor toma como premissa que o crescimento de uma região está vinculado ao sucesso de sua base de exportação, concluindo que a região ficará “encalhada” caso o declínio de um produto de exportação não seja acompanhado pelo crescimento de outros.

Dentre vários fatores que contribuem para o declínio de um produto de exportação, estariam as mudanças na demanda exterior à região e a exaustão de um recurso natural. Por outro lado, o desenvolvimento dos transportes (e não apenas simples melhoramentos que visam à redução de custos de transporte, o que poderia até chegar a reforçar a dependência

dos produtos de exportação existentes) representa uma razão historicamente importante do crescimento de novas exportações.

North (1955, apud Schwartzman, 1977) diz que, em uma região jovem, a criação de um novo produto de exportação ou a expansão de um já existente, têm resultado, historicamente, no “influxo de investimento de capital na indústria de exportação e em todos os tipos de atividades passivas de apoio descritas” (p.309). Desta maneira, “o crescimento de uma região será, provavelmente, desigual, sobrevivendo em surtos de maiores investimentos, ao invés de se proceder em ritmo uniforme” (p.309-310).

O autor chama atenção para a questão do vazamento de renda, em que as rendas da atividade base vão para outra região. Essa questão é pautada em dois pontos: 1) na origem do capital investido na base de exportação, que influenciará bastante o desenvolvimento local, uma vez que caso ele seja externo àquela região, os lucros serão remetidos para fora, e apenas uma parte (e não a maioria ou a quase totalidade) seria usado para reinvestimentos na expansão das atividades daquele local e 2) na capacidade das atividades domésticas captarem de forma expressiva a renda gerada pelas exportações.

Quando se chegar a um ponto determinado de crescimento da atividade exportadora, o investimento iria para outras atividades. North (1955, apud Schwartzman, 1977) diz que:

Com o crescimento da população e da renda, as poupanças locais aumentam. Tanto estas como o capital reinvestido podem fluir para as indústrias de exportação apenas até certo ponto, e depois o capital acumulado tenderá a fluir para outras atividades. Como foi descrito acima, uma parte irá para a indústria local e para as indústrias subsidiárias da exportação; mas também pode ocorrer que outras partes desse capital se dirijam para as indústrias “em raízes”, que podem começar a servir apenas à região, mas que podem se expandir de modo a se tornarem indústrias de exportação. (p.310)

Com a evolução das atividades desta base de exportação, a base primária da economia daquela região se tornaria menos clara, à medida que a região amadurecesse, já que a produção ficaria muito variada. Entretanto, este é um estágio muito avançado da base de exportação, na qual a região não é mais considerada jovem.

Com o tempo, então, as diferenças entre as regiões ficariam menos marcantes, a indústria secundária se tornaria mais igualada e o regionalismo tenderia a desaparecer.

A partir do desenvolvimento de suas idéias, North (1955, apud Schwartzman, 1977) tira algumas conclusões, dentre elas:

O sucesso da base de exportação foi o fator determinante da taxa de crescimento das regiões. [...] A importância da base de exportação é o resultado de seu papel básico na determinação do nível de renda absoluta e per capita de uma região, e conseqüentemente, na determinação da quantidade de atividades locais, secundárias e terciárias que se desenvolverão. [...] Numa região jovem a dependência dos produtos primários é reforçada pelos esforços conjuntos dos habitantes da região, para reduzir os custos de processamento e de transferência, através da pesquisa tecnológica, dos subsídios dos governos estadual e federal para melhoramentos sociais básicos, assim como através da tendência dos fornecedores de capital de fora da região para reinvestir na base primária existente. (p. 312-313)

Por fim, conclui que:

À medida que cresce a renda da região, as poupanças locais tenderão a se extravasar para novos tipos de atividades. Em primeiro lugar, essas atividades satisfazem a demanda local, mas posteriormente, algumas delas se tornarão indústrias de exportação. Esse movimento é reforçado pela tendência dos custos de transferência de se tornarem menos importantes. Como resultado, as bases de exportação das regiões tendem a se tornar mais diversificadas e tendem a perder sua identidade como regiões. Finalmente, a longo prazo, podemos esperar, com a mobilidade, uma maior equalização da renda per capita e uma dispersão mais ampla da produção. (p.313)

As teorias de François Perroux e Douglass Cecil North, portanto colocam questões pertinentes à análise do desenvolvimento recente de Macaé, que veremos mais a frente. Tentaremos enxergar em que medida a atividade de extração de petróleo não seria um enclave, voltado principalmente para fora dos limites do município, ou propiciaria uma atração de negócios para a região, com empresas fornecedoras de bens e serviços voltados à extração de petróleo e diversificação econômica através do surgimento e desenvolvimento de empresas voltadas ao atendimento das demandas geradas pela renda oriunda dessa atividade.

CAPÍTULO 2 – A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS DE MACAÉ, ATÉ OS DIAS DE HOJE.

Este capítulo trata da evolução histórica das atividades econômicas da cidade de Macaé e, sob certos aspectos, da região Norte Fluminense como um todo, já que as duas se misturam ao longo da História.

A cidade de Macaé se localiza em uma das seis mesorregiões do Estado do Rio de Janeiro: a região Norte Fluminense. Macaé faz parte da Bacia de Campos e tem como municípios limítrofes, Carapebus, Casimiro de Abreu, Conceição de Macabu, Nova Friburgo, Quissamã, Rio das Ostras e Trajano de Moraes, distando 182 quilômetros da capital do estado do Rio de Janeiro. De acordo com estimativas do IBGE, disponibilizadas no site da prefeitura de Macaé, o município tinha 194.313 habitantes, em julho de 2009.

A história macaense data do fim da década de 1630, quando os jesuítas realizaram a colonização oficial do local que viria a dar lugar ao município de Macaé que conhecemos hoje em dia, erguendo a Capela de Santana, um engenho e um colégio. Entretanto, apesar de sua centenária história, Macaé só foi se tornar relevante a nível regional e nacional nos anos 1970, com a descoberta de reservas de petróleo na Bacia de Campos.

Essa descoberta pode ser considerada um divisor de águas não só para Macaé, como para toda a região que a engloba, passando de um local estagnado para uma das mais importantes fontes de riqueza do país.

2.1 – A era pré-petróleo

A região Norte Fluminense foi ocupada na primeira metade do século XVII com o objetivo de lá se instalarem currais que fornecessem gado bovino para transporte e moagem de cana, para os senhores de engenho da região da Guanabara. Os municípios mais antigos da região, Campos dos Goytacazes e São João da Barra, se emanciparam do município de Cabo Frio em 1676. Os outros municípios da região Norte Fluminense são originários de

terras destes dois com exceção de Macaé, que se formou por territórios de Campos dos Goytacazes e de Cabo Frio.

Ao longo do século XVIII, a cana-de-açúcar passou a ser cultivada na região, desempenhando não só uma função econômica, como também organizando a região a nível social. A cultura do açúcar consolidou a identidade cultural e social da região Norte Fluminense antes mesmo desta ser conhecida e caracterizada como tal.

De acordo com Silva (2006), o grande diferencial da produção açucareira norte fluminense, ao longo do século XVIII, em comparação com a produção da região da Guanabara era que a primeira “era realizada por inúmeras propriedades, enquanto na Guanabara a produção estava atribuída a um número restrito de grandes produtores” (pg. 32).

Nos dois séculos seguintes, porém, fez-se necessário realizar cortes nos custos de produção e, devido a isso, de acordo com Silva (2006), “as propriedades rurais passaram a estar mais concentradas” (pg. 32). Além disso, foi iniciado o uso de engenhos a vapor, resultando na criação de usinas.

Durante sua história “pré-anos 1970”, Macaé passou, entre outros momentos, por períodos de crescimento e de prosperidade, baseados principalmente no desenvolvimento de monoculturas. O município foi produtor de cana-de-açúcar e café. Além disso, desenvolveu atividades portuárias, relacionadas ao transporte ferroviário e à pesca. Entretanto, de acordo com Fauré (2005), “o mais próspero destes períodos jamais permitiu à cidade estender seu raio de ação e sua influência além de seu perímetro sub-regional” (pg. 217).

Ou seja, durante esse período, Macaé nunca desempenhou um papel de protagonismo, nem a nível regional, nem muito menos a nível nacional. Fauré (2005) destaca que para Macaé, “suas fases ascendentes conheceram, um pouco à imagem da história macroeconômica do Brasil, os dolorosos reversos gerados pela “maldição” cíclica das mono produções” (pg. 217).

Durante o século XX, a cidade passou por um extenso período de estagnação econômica, principalmente entre as décadas de 1930 e 1950. Nas décadas seguintes, de 1950 a 1970, Macaé passou por um processo de crescimento muito lento. De acordo com Dias (2005), “não obstante a agroindústria sucro-alcooleira ter tido períodos de expansão no Norte Fluminense, a cidade de Macaé não passou por esses momentos de crescimento, apesar de também possuir usinas em seu território.” (pg. 96).

No período que antecedeu a instalação da Petrobrás no município (o que ocorreu no fim da década de 1970), a economia de Macaé era basicamente agrícola. As principais lavouras cultivadas no município eram cana-de-açúcar, laranja, tomate, café, mandioca, banana, feijão, batata-doce, milho, arroz e abacaxi, além de também contar com uma pecuária significativa.

Rosélia Piquet chama atenção ao fato de que o primeiro choque do petróleo, em 1973, afetou indiretamente Macaé. Apesar de mais tarde a cidade vir a ser conhecida como a Capital nacional do petróleo, as primeiras descobertas do produto no município ocorreram um ano depois, em 1974.

Com o primeiro choque do petróleo, a região Norte Fluminense começa a perder a posição de grande produtora do setor sucro-alcooleiro. Isso aconteceu porque devido à significativa alta dos preços internacionais do petróleo, o Brasil concedeu uma nova ajuda estatal ao setor, criando o Programa Nacional do Álcool, o Proálcool. De acordo com Piquet (2003):

Graças aos generosos financiamentos concedidos, o parque industrial é quase totalmente reestruturado e modernizado e nesse processo ocorre a passagem de boa parte das usinas do norte fluminense para empresários externos à região, mais interessados na aquisição das “cotas de produção” das usinas do que em suas instalações industriais, a maioria já ultrapassada tecnologicamente. (pg.5)

Desta maneira, gradualmente, o Norte Fluminense foi deixando de ser um grande ator do setor. De acordo com Silva (2006), “A Região Norte Fluminense possuía, em 1930, um total de 32 usinas de açúcar e álcool. Em 2000 esse número caiu para 12 e algumas delas operavam com considerável ociosidade” (pg. 33).

A cidade de Campos dos Goytacazes era o principal pólo produtor da atividade açucareira na região, enquanto os outros municípios desempenhavam um papel mais periférico, em termos de produção e número de usinas. A cidade então, se estabeleceu como o principal pólo econômico e mercado consumidor do Norte Fluminense. Esta relevância de Campos a nível regional era fruto da atividade canavieira.

Merece destaque, então, o fato de que, como será visto mais a frente, Macaé foi escolhida para ser a principal base terrestre de operação da Petrobrás na Bacia de Campos, apesar de que Campos dos Goytacazes fosse a principal cidade da região à época.

É interessante notar que a literatura sobre a região Norte Fluminense na época “pré-petróleo” é comparativamente mais escassa, em comparação com a época “pós-petróleo”, devido a pouca relevância das atividades econômicas da região em um primeiro momento.

2.2 – O desenvolvimento e as transformações de Macaé após a descoberta de petróleo na cidade

Como já dito anteriormente, os anos 1970 foram o ponto de guinada para a economia e para o crescimento do município de Macaé. A descoberta das reservas de petróleo na Bacia de Campos levou a Petrobrás a se instalar no município, realizando, segundo Fauré (2005), “a instalação progressiva de suas diferentes unidades de prospecção, de extração, de produção e de transporte”.

Mais especificamente, a partir do ano de 1974, a Petrobrás realizou as primeiras descobertas de hidrocarbonetos na Bacia de Campos. Entretanto, a exploração das primeiras jazidas no entorno do litoral macaense começou em 1977, com uma grande expansão nos anos subseqüentes. A escolha de Macaé como a sede das atividades *offshore* da Bacia de Campos se deu por questões logísticas. Segundo Fauré (2005), esses motivos eram:

A menor distância relativa em relação aos campos petrolíferos situados em alto-mar (entre 80 e 120 quilômetros da costa), a possibilidade de gerenciar um porto destinado principalmente à Petrobrás, a disponibilidade de uma infraestrutura urbana capaz de receber as instalações situadas antes e depois da cadeia produtiva,

necessárias à exploração e ao desenvolvimento das jazidas e capaz de receber, inclusive, as empresas privadas prestadoras de serviços e produtoras de bens para a empresa pública. (pg. 217)

Esses pré-requisitos que Macaé dispunha possibilitaram que as operações de extração e produção offshore multiplicassem-se aumentando a zona de atividade em alto-mar e a produção, propriamente dita. De acordo com Fauré (2005), isso foi possível “pelo recurso a duas técnicas de extração: plataformas fixas e sistemas flutuantes seguros” (pg. 217).

Com o desenvolvimento das atividades petrolíferas, a Bacia de Campos se tornou a principal zona produtiva de petróleo do país, aumentando o volume de produção substancialmente.

A região Norte Fluminense, então, passou por um intenso período de mudanças, já que Macaé ganhou uma enorme importância relativa a nível regional (e também a nível nacional), enquanto que Campos dos Goytacazes teve sua importância reduzida, gradativamente, com o declínio da atividade canavieira. Faz-se necessário salientar, entretanto, que apesar da importância de Campos ter se reduzido, a cidade ainda é um relevante centro regional e estadual.

De acordo com Silva (2006),

O surgimento da atividade petrolífera ocorre quando a indústria sucro-alcooleira já não apresenta mais o mesmo vigor econômico, e se mostrava incapaz de manter os postos de empregos existentes e menos ainda de aumentar o número de empregos. Esse momento pode ser caracterizado como de transição de ciclos econômicos, pois revela a estagnação/decadência da indústria sucro-alcooleira e o aparecimento de uma nova atividade econômica. Isto foi capaz de proporcionar desenvolvimento para uma Região até então sem perspectivas econômicas consolidadas para longo prazo. (pg.35)

Com o desenvolvimento proporcionado pela atividade petrolífera e pelas perspectivas geradas por ela, ocorreu um interessante fenômeno de dinâmica regional no Norte Fluminense, a partir da década de 80 do século passado, ocorrendo a emancipação de quatro novos municípios (dos quais dois se emanciparam de Macaé: Quissamã, em 1990 e Carapebus, em 1997). Os outros foram: Conceição de Macabú, que se emancipou de

Campos em 1993 e São Francisco do Itabapoana, emancipado de São João da Barra, em 1997.

Outro fator, também relacionado ao petróleo, contribuiu para o desenvolvimento de Macaé, neste período pós anos 1970. O então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, no fim da década de 90 do século passado, liberalizou as atividades petrolíferas e aprovou uma nova lei do petróleo, a qual estabelecia o fim do monopólio exercido pela Petrobrás desde os anos de 1950.

A liberalização da atividade trouxe junto com si as operações de empresas multinacionais de capital externo. De acordo com Fauré (2005),

Algumas companhias petrolíferas internacionais, em associação com a Petrobrás em campos nos quais ela prospectava ou que ela produzia ou em concorrência com ela em outros blocos offshore, participam desde então da pesquisa e, ainda muito mais modestamente, na produção do ouro negro. (pg. 216)

Além desses fatores, ocorreu uma grande onda de terceirizações na cadeia petrolífera, o que impactou consideravelmente as características da economia e do tecido empresarial do município. As mudanças causadas por essas empresas se distribuíram ao longo do tempo, mas a instalação, em Macaé, de suas prestadoras de serviços, fornecedores e subcontratadas, mudando significativamente o cenário econômico municipal.

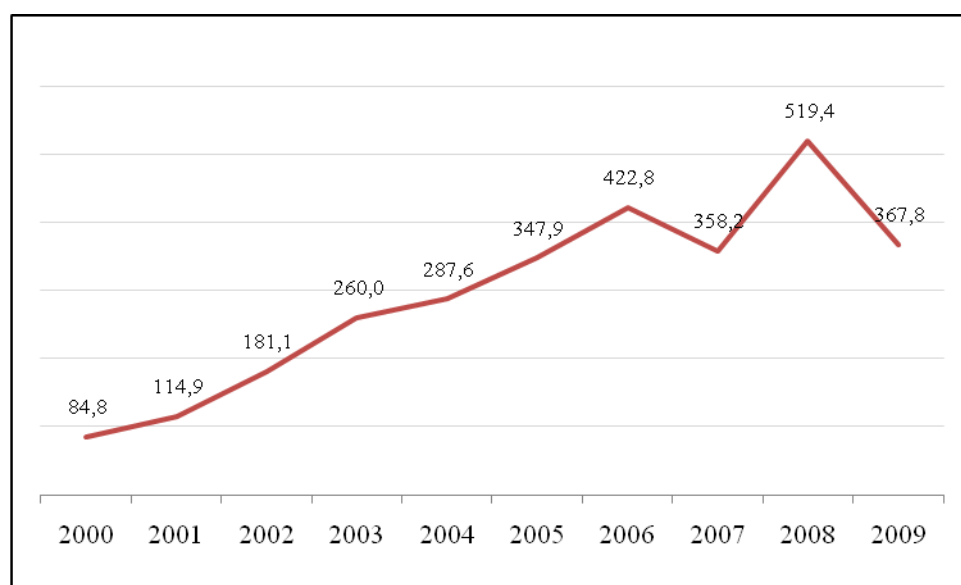
2.3 – Os Royalties do petróleo e suas aplicações

Macaé foi um município pioneiro na defesa da cobrança de royalties sobre a exploração de petróleo, no Brasil, no início da década de 1980. A Lei 2004, da década de 1950, em vigência até então, previa o pagamento de royalties apenas do petróleo extraído sobre terra. Em 1985, porém, aprovou-se a Lei 7453, prevendo que um percentual sobre o petróleo extraído pela Petrobrás sobre mar, na Bacia de Campos, fosse repassado a 37 municípios do Estado do Rio de Janeiro¹.

¹ Fonte: Prefeitura de Macaé

Entretanto, apenas em 1997, quando se promulgou e regularizou a Lei do Petróleo, os recursos passaram a ser relevantes para os municípios produtores. No período abrangido por esse estudo, os royalties recebidos por Macaé passaram de R\$ 84.827.106,07, em 2000 para R\$ 367.797.120,71, em 2009. No gráfico abaixo se observa a evolução dos royalties recebidos nesse período de 10 anos.

Gráfico 1 - Royalties e participações especiais pela exploração do Petróleo recebidos por Macaé, em valores correntes, de 2000 a 2009 (em R\$ Milhões)



Fonte: Prefeitura de Macaé

É importante ressaltar que as recentes discussões sobre a distribuição dos royalties do petróleo para municípios e estados produtores fogem do escopo deste trabalho, que se restringe a analisar a evolução e o desenvolvimento do município de Macaé até o ano de 2009.

De acordo com dados disponíveis no site da prefeitura de Macaé, o município é o segundo do estado em valores de royalties e o sexto em termos de royalties per capita.

A prefeitura vem diversificando a alocação dos recursos oriundos do petróleo, investindo em diversos campos, como a implementação de políticas e projetos habitacionais

e infra estruturais, como a recomposição de rodovias danificadas pelo transporte pesado, além da abertura de novas vias, construção de hospitais, postos de saúde e também da infraestrutura dos novos bairros surgidos na cidade.²

Além disso, vêm sendo feitos investimentos nos diversos níveis de educação, como o ensino básico, fundamental, superior e técnico. A cidade conta com campus avançados de várias universidades, totalizando 35 cursos superiores (incluindo cursos ligados ao setor de petróleo e gás), contando também com uma Cidade Universitária que concentra três faculdades gratuitas (UFRJ, UFF e FeMass). O governo municipal também mantém um programa de transporte gratuito para que estudantes residentes na cidade possam estudar em municípios que tenham universidades, como o Rio de Janeiro, Niterói e Campos dos Goytacazes.

Apesar dos investimentos feitos pelo município nessas áreas, o grande desafio que vive Macaé hoje em dia é reduzir sua dependência em relação à atividade petrolífera, dado que o petróleo é um recurso finito e diversificar suas atividades produtivas, consolidando-se como um centro econômico dinâmico.

No capítulo três se tentará elucidar a ocorrência ou não de diversificação das atividades produtivas no município de Macaé, sob o aspecto dos vínculos formais de emprego por setores de atividade, tentando enxergar uma distribuição mais diversificada da mão-de-obra pelas atividades econômicas. Far-se-á também uma análise qualitativa da evolução da mão-de-obra no município, para se investigar o desenvolvimento de Macaé como um centro de atração de mão-de-obra qualificada.

Além disso, se poderá entender melhor o desenvolvimento histórico das atividades produtivas de Macaé entre os anos de 2000 e 2009.

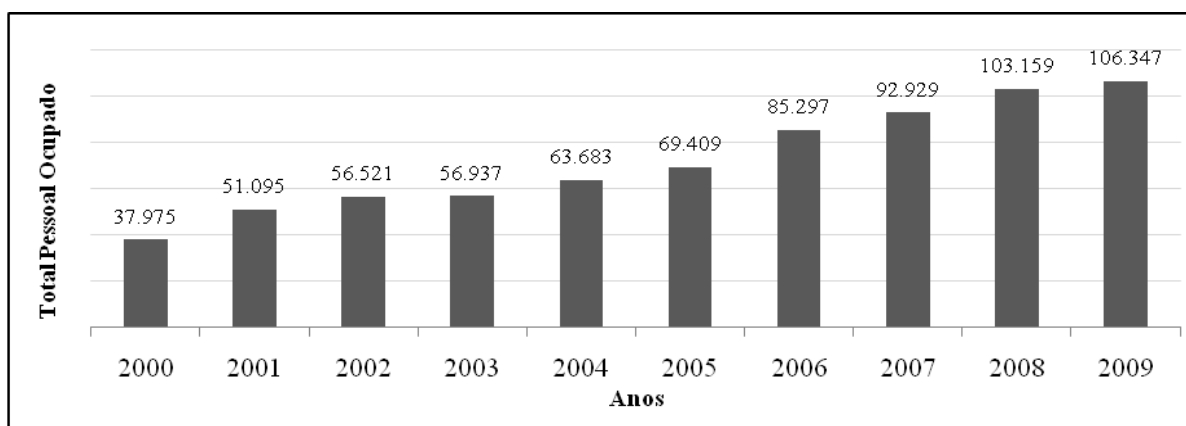
² Fonte: Prefeitura de Macaé

CAPÍTULO 3 – A EVOLUÇÃO DO EMPREGO EM MACAÉ, NO PERÍODO 2000-2009.

Neste capítulo, utilizaremos dados da RAIS para estudarmos as mudanças e evolução na estrutura de empregos do município de Macaé, entre os anos de 2000 e 2009. Uma ressalva importante é que a RAIS só trata de vínculos formais de emprego, ou seja, quaisquer dados sobre atividades informais não estão contemplados na análise.

O gráfico abaixo mostra o crescimento no número de empregos que se viu em Macaé no período. O total de empregos formais cresceu 180% entre dezembro de 2000 e dezembro de 2009, apresentando taxas positivas de crescimento mesmo após 2008, quando se deflagrou a crise na economia mundial, em setembro daquele ano.

Gráfico 2 – Emprego Formal em Macaé no período 2000-2009



Fonte: RAIS

Ao analisarmos os dados acima, vemos um crescimento acelerado do nível de atividade econômica macaense. De 37.975 postos de trabalho formais, em dezembro de 2000, chegou-se a 106.347, em dezembro de 2009. Isto representa um crescimento composto anual de 12%.

Apesar de se notar um crescimento no número de empregos formais em Macaé nos anos analisados, a velocidade com que se deu esse crescimento não segue uma tendência linear. De dezembro de 2000 para dezembro de 2001 e de dezembro de 2005 para

dezembro de 2006, por exemplo, notaram-se crescimentos de 35% e de 23% no número de empregos formais para a cidade, respectivamente, enquanto que de dezembro de 2002 para dezembro de 2003 e dezembro de 2008 para dezembro de 2009, obteve-se crescimentos de 1% e 3%, respectivamente. Nos outros anos, as taxas de crescimento se mantiveram em torno da taxa de crescimento composto anual, variando de 9% a 12%.

Não é difícil de constatar uma clara tendência de crescimento no nível de atividade econômica no local. Em que medida, entretanto, esse crescimento se concentra no complexo de extração de petróleo ou reflete uma diversificação da economia municipal é o que procuraremos analisar a seguir.

3.1 – Evolução do emprego e grau de escolaridade no município de Macaé.

Seguindo a análise dos dados de empregos formais no município de Macaé, estudaremos o nível de instrução dos ocupantes de postos de trabalho formais no município. O objetivo de se analisar o grau de escolaridade dos trabalhadores do município é enxergar o grau de sofisticação das atividades econômicas lá desempenhadas.

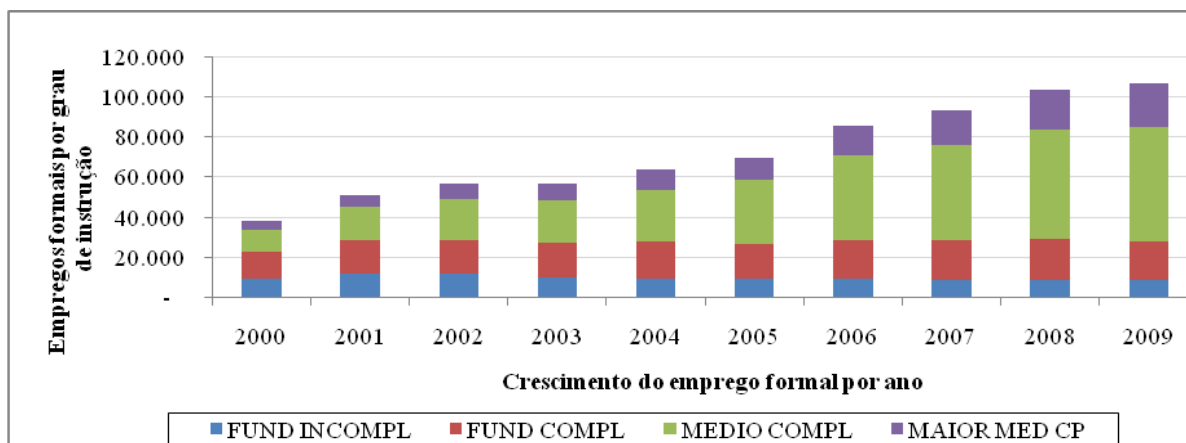
Para isso, utilizaremos o seguinte critério de divisão dos níveis de escolaridade: trabalhadores com ensino fundamental incompleto, trabalhadores com ensino fundamental completo, trabalhadores com ensino médio completo e trabalhadores com instrução superior ao ensino médio completo.

É importante ressaltar que foram feitos agrupamentos para a realização da análise. Com esses agrupamentos, os trabalhadores analfabetos estão contemplados no grupo de trabalhadores com ensino fundamental incompleto. Os trabalhadores com ensino médio incompleto, por outro lado, foram agrupados junto com os que têm ensino fundamental completo. Já os trabalhadores com ensino superior incompleto, completo ou com Mestrado e Doutorado foram reunidos no grupo de trabalhadores com instrução superior ao ensino médio completo.

Feitas essas ressalvas, passamos a análise dos dados. O gráfico abaixo mostra o emprego formal em números absolutos, no período de 2000 a 2009, na cidade de Macaé,

segregado pelos diferentes graus de instrução de seus trabalhadores, ocupando estes postos de trabalho em 31 de dezembro de cada ano.

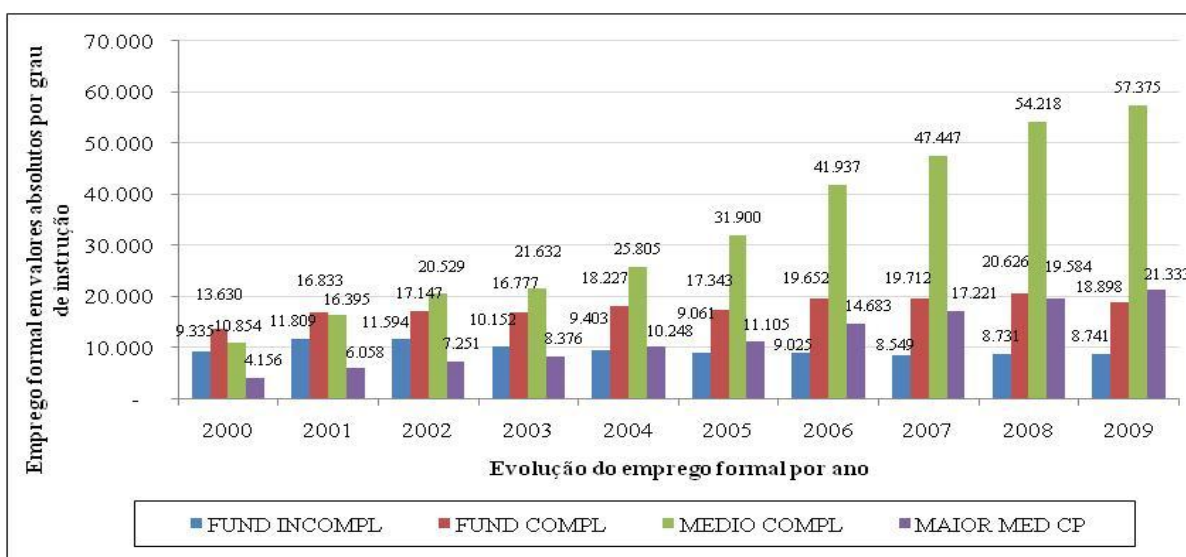
Gráfico 3 – Emprego formal dividido por categorias de escolaridade em Macaé, no período 2000-2009



Fonte: RAIS

Pode-se notar um crescimento proporcional diferente entre os estratos de instrução analisados. O gráfico abaixo mostra o crescimento isolado do emprego em cada nível de escolaridade:

Gráfico 4 – Evolução do emprego formal por grau de escolaridade agregado em Macaé, no período 2000-2009



Fonte: RAIS

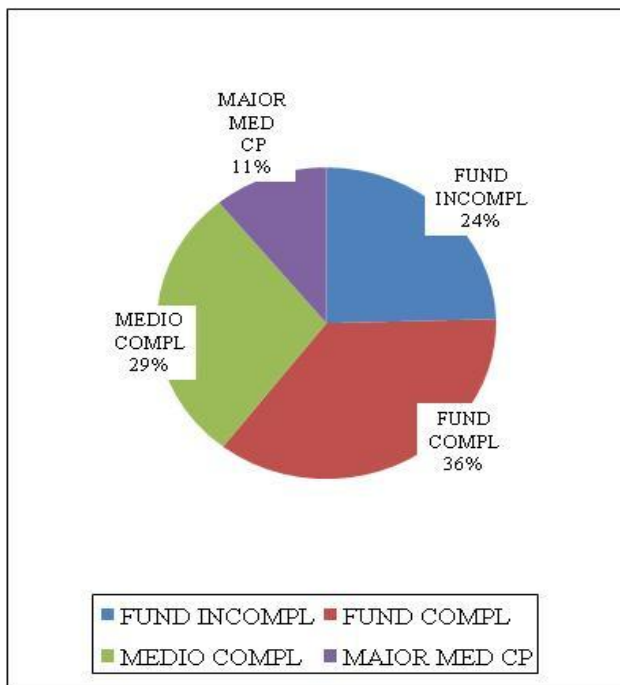
Pode-se notar que o maior crescimento entre os níveis de escolaridade estudados foi o de ensino médio completo, que passou de 10.854 empregos formais, em dezembro de 2000, para 57.375 empregos formais, em dezembro de 2009. Neste decênio, portanto, observou-se um crescimento de quase 430% no número de postos de trabalho formais para trabalhadores com ensino médio completo.

A evolução de trabalhadores formais com instrução superior ao ensino médio completo também teve uma evolução considerável, que merece destaque, passando de 4.156, em dezembro de 2000 para 21.333, em dezembro de 2009, numa evolução de 413%. Dentro desse grupo, merece destaque o número de trabalhadores com educação superior completa, que cresceu 445% nesse período, passando de 3.142 para 17.115. Merecem destaque, também os trabalhadores com Mestrado e Doutorado completos, que inexistiam no município até o ano de 2005 e passaram a 145 e 29, respectivamente, em dezembro de 2009.

O número de trabalhadores com ensino fundamental completo também cresceu, de 13.630, em 2000, para 18.898, em 2009. O único grupo que teve uma diminuição no número de postos de trabalho, entretanto, foi o de trabalhadores com ensino fundamental incompleto, que passaram de 9.335, em 2000, para 8.741, em 2009. Entretanto, isso pode representar tanto um aumento nas exigências dos empregadores quanto um aumento na informalidade, já que a RAIS só trata de empregos formais.

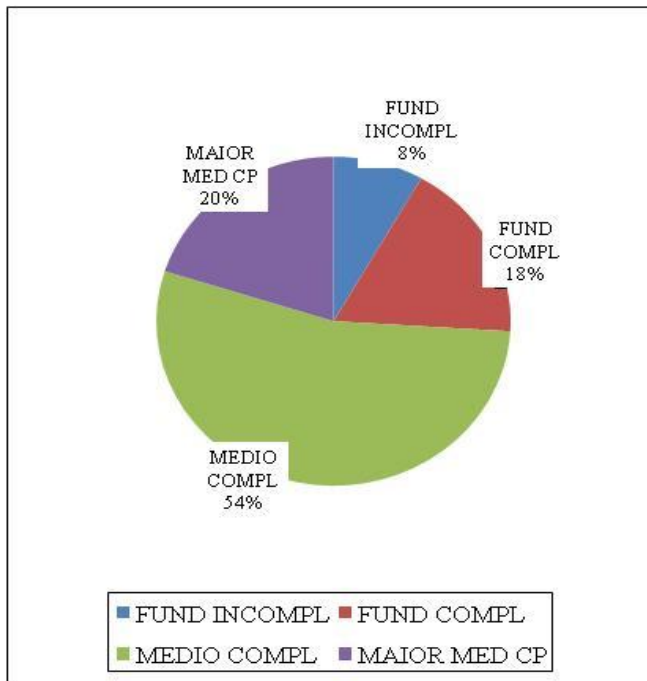
Esse crescimento do número de empregos formais se deu, portanto, de maneira diferenciada entre os trabalhadores com diferentes níveis de instrução. A seguir, temos dois gráficos que contém os percentuais de emprego formal para cada nível de escolaridade, nos anos de 2000 e 2009, para o município de Macaé.

Gráfico 5 – Distribuição do emprego formal pro grau de instrução em Macaé, no ano 2000



Fonte: RAIS

Gráfico 6 – Distribuição do emprego formal pro grau de instrução em Macaé, no ano 2009



Fonte: RAIS

Ao observarem-se rapidamente os dois gráficos, já se pode notar uma diferença significativa na estrutura dos empregos formais macaenses, de acordo com o nível de instrução de seus trabalhadores.

Percebe-se uma mudança do perfil de escolarização da mão de obra formal do município. Os trabalhadores com ensino fundamental incompleto e mesmo completo perdem participação e o ensino médio se torna condição quase indispensável de acesso ao emprego.

Os trabalhadores com ensino fundamental incompleto, que representavam 24% do total, em 2000, passaram a representar 8%, em 2009. Já os trabalhadores com ensino fundamental completo, passaram de 36% para 18%, no mesmo período.

Os trabalhadores com ensino médio completo passaram de 29% para 54%, de 2000 para 2009 e os que têm escolaridade maior que o ensino médio completo passaram de 11%, em 2000, para 20%, em 2009.

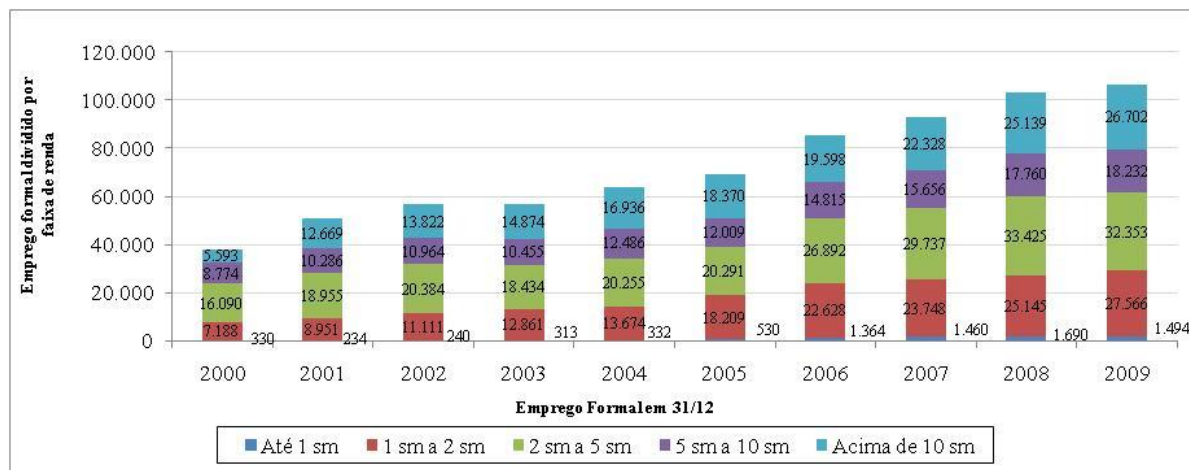
Há uma clara demonstração, portanto do aumento do nível de escolaridade dos trabalhadores formais de Macaé, para o decênio estudado. Enquanto os trabalhadores com instrução até o 1º grau completo passaram de 60%, em 2000, para 26%, em 2009, os trabalhadores com 2º e 3º graus completos passaram de 40% para 74%, no mesmo período.

3.2 – Evolução dos rendimentos do emprego formal em Macaé, no período de 2000 até 2009.

Assim como se analisou a evolução do grau de instrução dos trabalhadores formais em Macaé, para o período de 2000 até 2009, se analisará a evolução do rendimento destes trabalhadores.

O gráfico abaixo mostra os números absolutos do emprego formal entre o mês de dezembro de 2000 até dezembro de 2009, separados por cinco estratos de remuneração.

Gráfico 7 – Crescimento do emprego formal por faixas de renda em Macaé, entre 2000 e 2009



Fonte: RAIS

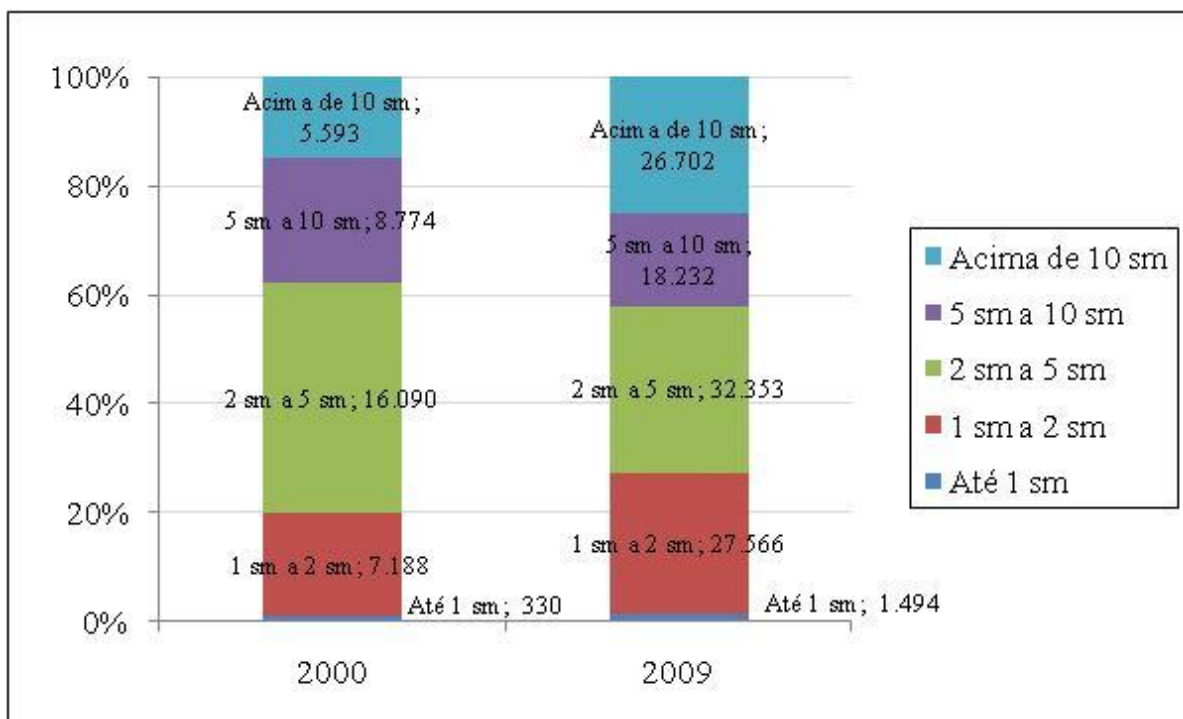
Podemos perceber um enorme aumento no grupo de trabalhadores que recebem mais de 10 salários mínimos. Este grupo passou de 5.593, em 2000 para 26.702 trabalhadores, ao final de 2009, crescendo quase cinco vezes o tamanho inicial. Outra faixa de renda que teve um crescimento considerável foi a dos trabalhadores que recebem entre um e dois salários mínimos, tendo crescido de 7.188, em 2000, para 27.566 em 2009.

A faixa de trabalhadores que recebem entre dois e cinco salários mínimos também cresceu consideravelmente, aumentando, no mesmo período, de 16.090 para 32.353, enquanto que a faixa de trabalhadores que ganham de cinco a dez salários mínimos aumentou de 8.774 para 18.232.

O grupo de trabalhadores que recebem até um salário mínimo aumentou de 330 trabalhadores, em 2000, para 1.494, em 2009. Contudo, deve se ter em conta que a RAIS só considera os postos de trabalho formais, e, portanto, não é possível captar, por meio dela, a massa real de trabalhadores pobres do município, já que uma parcela significativa destes está no mercado de trabalho informal.

Para melhorar o entendimento da evolução da distribuição dos trabalhadores entre os diferentes estratos de renda, serão analisadas, a seguir, as mudanças de participação no total do emprego formal entre essas faixas de renda em Macaé, em 2000 e 2009.

Gráfico 8 – Proporção de faixas de renda por emprego formal em Macaé, em 2000 e 2009

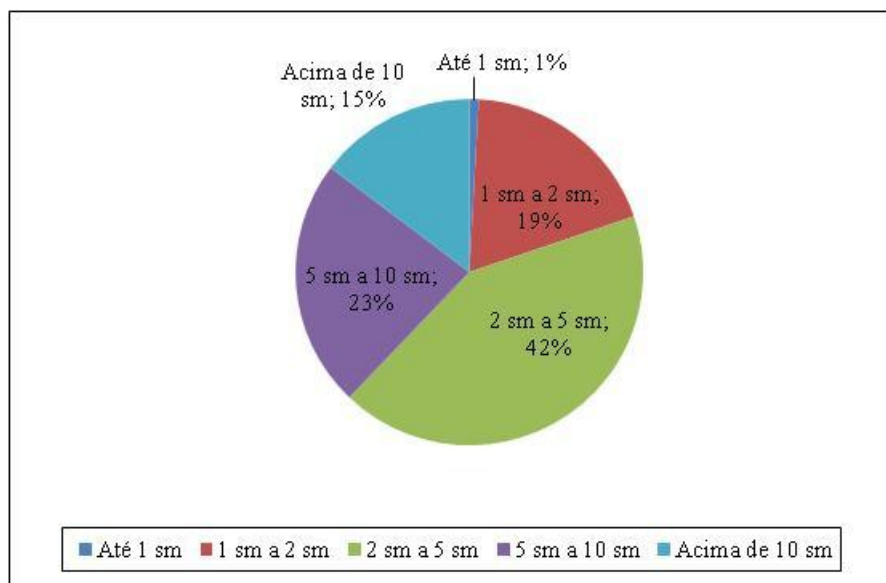


Fonte: RAIS

A partir do gráfico acima, pode-se observar um crescimento na participação das faixas de renda entre um e dois salários mínimos e na faixa de renda acima de dez salários mínimos, com a diminuição dos demais estratos de renda. O dado é curioso, pois mostra tanto um crescimento na camada teoricamente menos qualificada da população, que ganha salários menores, quanto na camada com maiores rendimentos, teoricamente mais qualificada. Tudo indica que reflete o amplo crescimento de trabalhadores qualificados envolvidos nas atividades do complexo petrolífero, mas também a importância de trabalhadores menos qualificados em atividades de apoio e em algumas atividades terceirizadas.

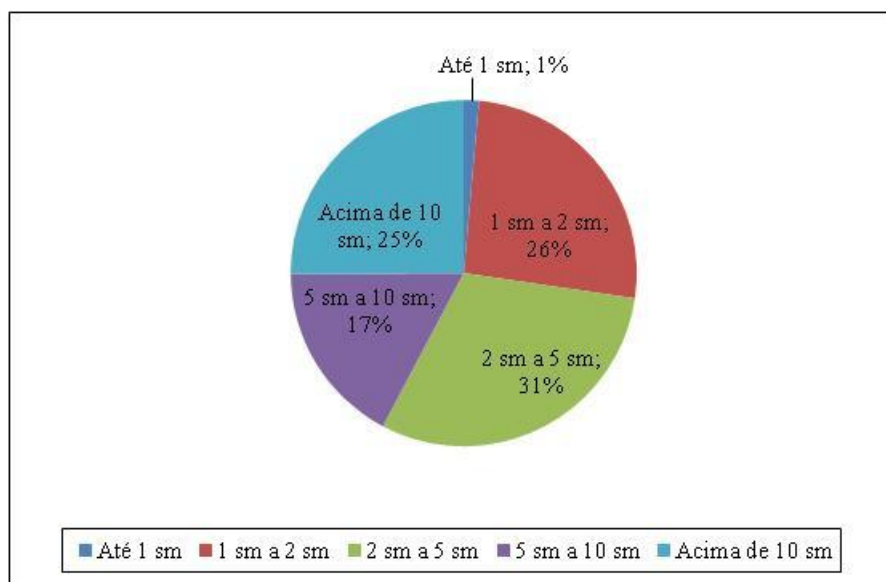
Os percentuais que estas faixas de renda representam sobre o total de postos de trabalho formais em Macaé, entre os anos de 2000 e 2009 podem ser observados nos dois gráficos abaixo:

Gráfico 9 – Participação de faixas de renda no total do emprego formal em Macaé, em 2000



Fonte: RAIS

Gráfico 10 – Participação de faixas de renda no total do emprego formal em Macaé, em 2009



Fonte: RAIS

Observa-se, portanto que a parcela dos trabalhadores formais de Macaé que ganham entre dois e cinco salários mínimos continua a ser majoritária no município. Entretanto, esta parcela perdeu em participação ao longo do decênio compreendido entre 2000 e 2009, caindo de 42% para 31%.

As parcelas que mais cresceram foram a dos trabalhadores que ganham mais de dez salários mínimos, que passou de 15%, em 2000, para expressivos 25% em 2009 e a dos trabalhadores que ganham entre um e dois salários mínimos, que passou de 19% para 26%, no mesmo período.

Já a parcela que ganha entre cinco e dez salários mínimos teve sua participação relativa diminuída, caindo de 23%, em 2000, para 17%, em 2009. O grupo de trabalhadores que recebem menos de um salário mínimo manteve-se estável, com uma participação de 1%, nos dois períodos.

Apresentados estes dados, podemos concluir que o município de Macaé passa por um processo significativo de crescimento, já que houve aumento da mão-de-obra formais nos mais diversos estratos de renda, o que pode sugerir um aumento na atividade em diversos setores e níveis da economia.

3.3 – Crescimento do emprego formal por setores da economia em Macaé.

Analisando os dados anteriormente apresentados, podemos perceber que o município de Macaé presenciou um aumento na qualificação de seus trabalhadores formais e nos salários que estes recebem, no período estudado.

A análise agora se volta ao estudo setorial do crescimento do número de trabalhadores formais para o período compreendido entre dezembro de 2000 e dezembro de 2009. Para esta análise, os trabalhadores estarão agrupados nos setores de atividade econômica utilizados pelo IBGE: indústria extrativa mineral, indústria de transformação, serviços industriais de utilidade pública, construção civil, comércio, serviços, administração pública e agropecuária, extração vegetal, caça e pesca.

Tabela 1 – Evolução do Emprego formal em Macaé por setores do IBGE, de 2000 a 2009

SETORES IBGE	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
EXTR MINERAL	4.542	10.496	11.451	12.445	13.408	15.037	18.496	19.198	22.562	24.504
IND TRANSF	2.735	3.804	5.050	5.240	6.491	7.714	8.869	10.399	12.145	12.629
SERV IND UP	83	88	444	452	527	521	320	299	293	421
CONSTR CIVIL	4.470	8.615	8.187	6.363	7.121	8.407	10.173	10.514	12.518	9.279
COMERCIO	5.170	6.089	7.367	7.465	8.228	9.359	9.421	10.918	11.898	12.881
SERVIÇOS	17.278	18.128	20.068	21.435	23.905	27.407	30.862	32.603	35.786	38.945
ADM PÚBLICA	3.291	3.484	3.571	3.138	3.543	543	6.736	8.593	7.507	7.217
AGROPECUÁRIA	406	391	383	399	460	421	420	405	450	471
OUTR/IGN	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	37.975	51.095	56.521	56.937	63.683	69.409	85.297	92.929	103.159	106.347

Fonte: RAIS

Podemos ver um crescimento extraordinário da indústria extrativa mineral, que passou de 4.542 postos de trabalhos formais, em 2000, para 24.504, em 2009, em um aumento permanente, no período, que totaliza 439%. O setor de indústria de transformação também teve um crescimento impressionante, de 362%, passando de 2.735, em dezembro de 2000, para 12.629, em 2009. Em termos absolutos, o setor de serviços também se destacou, ganhando 21.667 postos de trabalho formais, indo de 17.278, em 2000, para 38.495, em 2009.

Entretanto, de acordo com Fauré (2005):

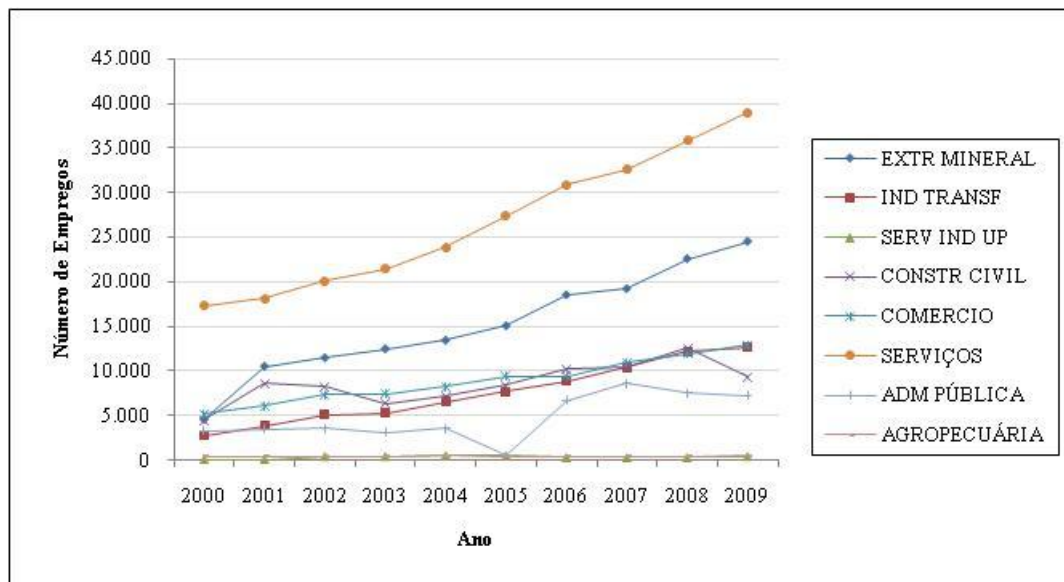
As fontes oficiais tendem a superestimar um pouco as atividades de serviço em detrimento das atividades industriais, já que todas as operações que, apesar de se desenvolverem nas oficinas, usinas e fábricas, em resumo dentro de contextos produtivos diretos e que são realizadas por outras empresas nos quadros dos contratos de intervenção, subcontratação etc. são classificadas na categoria estatística de prestação de serviços às empresas, aumentando automaticamente os dados do setor de serviços. Isto é particularmente verdadeiro em Macaé, onde numerosas atividades ligadas ao petróleo são terceirizadas. (pg. 227)

Isso aumentaria ainda mais os crescimento já significativos das indústrias extrativa mineral e de transformação.

Outros setores que mais que duplicaram seus totais de trabalhadores formais no período de 2000 a 2009 foram os de construção civil e administração pública, que passaram de respectivamente 4.470 e 3.291 postos de trabalho, para 9.279 e 7.217. Além destes, o setor de comércio também cresceu significativamente, em torno de 150%, passando de 5.170, em 2000, para 12.881, em 2009, crescendo mesmo durante e depois do período de crise econômica, em 2008.

Esses movimentos ocorridos no emprego formal em cada setor podem ser visto pelo gráfico abaixo:

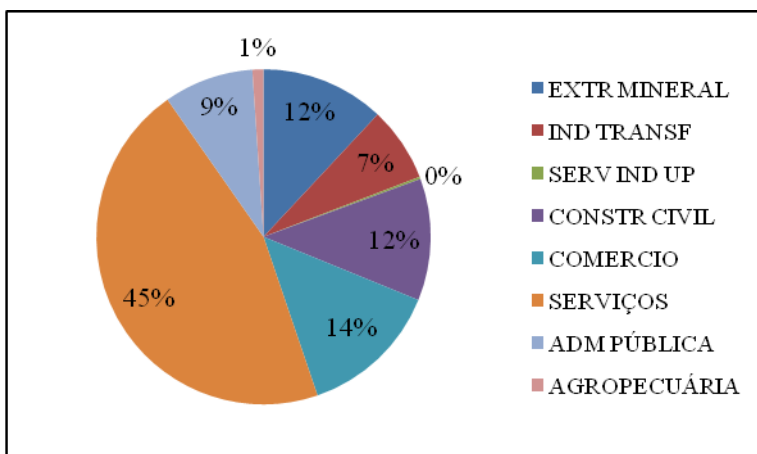
Gráfico 11 – Crescimento do emprego formal em Macaé, por setores do IBGE, de 2000 a 2009



Fonte: RAIS

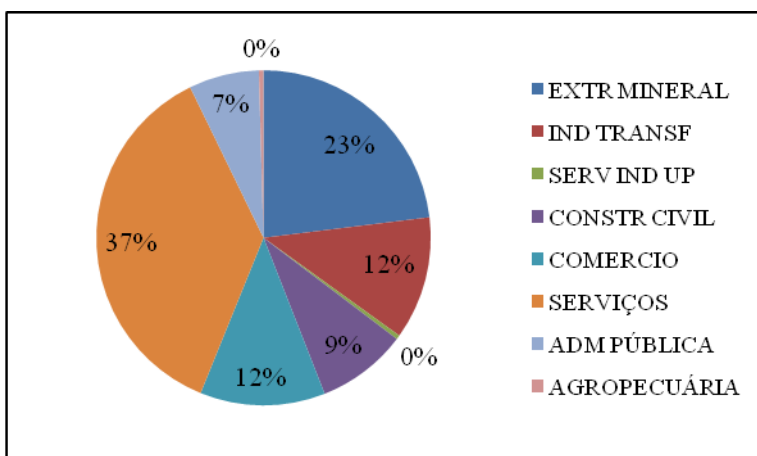
Nos dois gráficos a seguir, podem ser observadas as participações dos setores do IBGE no total de empregos formais no município de Macaé, em dezembro de 2000 e em dezembro de 2009.

Gráfico 12 – Participação dos setores do IBGE no total do emprego formal, em 2000



Fonte: RAIS

Gráfico 13 – Participação dos setores do IBGE no total do emprego formal, em 2009



Fonte: RAIS

A partir da análise destes gráficos, pode-se perceber que o setor de serviços, apesar de ter apresentado o maior crescimento absoluto de postos de trabalho formais, de 2000, a 2009, teve uma redução de 8% em sua participação relativa, passando de 45% para 37%. Entretanto, o setor continua a ser o mais significativo no município de Macaé, em termos de geração de postos de trabalho formais.

O setor que mais cresceu em participação relativa foi a indústria extrativa mineral, em virtude do aumento das atividades de extração de petróleo, passando de 12%, em 2000, para 23% dos postos de trabalho formais, em 2009. O setor de indústria de transformação,

por sua vez, cresceu 5% em participação relativa, indo de 7%, em 2000, para 12%, em 2009, demonstrando uma maior relevância sobre o tecido de empregos de Macaé.

Os demais setores se mantiveram relativamente estáveis, com pequenas variações, em torno de 2% em suas participações relativas para o período compreendido entre 2000 e 2009.

3.4 – Crescimento do emprego formal por subsetores do IBGE em Macaé.

Para aprofundar o estudo do crescimento setorial dos postos de trabalho em Macaé, para o decênio 2000-2009, iremos agora analisar o crescimento do emprego formal por subsetores do IBGE durante este período.

Tabela 2 – Evolução do Emprego formal em Macaé por subsetores do IBGE, de 2000 a 2009

SUBSETORES IBGE	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
EXTR MINERAL	4.542	10.496	11.451	12.445	13.408	15.037	18.496	19.198	22.562	24.504
IND MIN NÃO MET	46	100	101	107	119	54	66	64	68	33
IND METALURG	430	1026	1098	1420	1482	1860	2359	2280	1912	1712
IND MECANICA	518	1.046	1.142	1.671	2.616	2.399	2.896	4.390	5.375	5.071
ELET E COMUM	53	109	280	3	2	7	24	9	10	11
MAT TRANSP	560	230	336	149	4	120	123	144	284	320
MAD E MOBIL	24	26	30	30	26	36	38	37	43	59
PAPEL E GRAF	83	86	105	113	125	113	129	123	122	144
BOR FUM COUR	6	15	84	77	129	145	250	220	341	48
IND QUIMICA	36	50	54	89	81	85	121	97	74	336
IND TEXTIL	74	132	92	108	112	90	71	85	84	70
IND CALÇADOS	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0
ALIM E BEB	905	984	1727	1472	1794	2805	2792	2950	3832	4825
SER UTIL PUB	83	88	444	452	527	521	320	299	293	421
CONSTR CIVIL	4.470	8.615	8.187	6.363	7.121	8.407	10.173	10.514	12.518	9.279
COM VAREJ	4.621	5.432	6.550	6.624	7.485	8.368	8.427	9.336	10.115	10.999
COM ATACAD	549	657	817	841	743	991	994	1.582	1.783	1.882
INST FINANC	344	358	389	413	447	492	527	611	671	716
ADM TEC PROF	8.278	7.674	8.553	9.228	9.264	12.260	15.766	15.084	13.908	15.257
TRANS E COMUM	4.114	4.949	5.561	5.556	6.202	6.053	6.547	8.229	10.636	11.680
ALOJ COMUNIC	2.702	3.421	3.766	4.267	5.710	5.890	4.748	5.004	5.541	5.695
MED ODON VET	980	738	815	862	962	1.341	1.989	2.140	3.321	3.817

ENSINO	860	988	984	1.109	1.320	1.371	1.285	1.535	1.709	1.780
ADM PUBLICA	3.291	3.484	3.571	3.138	3.543	543	6.736	8.593	7.507	7.217
AGRICULTURA	406	391	383	399	460	421	420	405	450	471
OUTR/IGN	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	37.975	51.095	56.521	56.937	63.683	69.409	85.297	92.929	103.159	106.347

Fonte: RAIS

Os subsetores apresentam, por sua vez, uma tendência indefinida de crescimento de emprego formal. Enquanto uns apresentam taxas altíssimas de crescimento ao longo do período 2000-2009, outros apresentam taxas apenas razoáveis ou negativas.

Em termos absolutos, os subsetores que apresentaram maior crescimento de postos de trabalho formais, de 2000 a 2009, foram os da indústria extrativa mineral, que compõe a totalidade do setor de mesmo nome, passando de 4.542 para 24.504 e o subsetor de transportes e comunicação, que ganhou 7.566 novos postos de trabalho, passando de 4.144 para 11.680.

O subsetor de construção civil, que apresentou crescimentos contínuos ao longo de quase todo o decênio, totalizando um aumento de 4.809 postos de trabalho formais, de 2000 a 2009, sofreu uma queda significativa, de 26%, no último ano, o que talvez possa refletir uma queda decorrente da crise mundial de 2008.

O total de empregados no subsetor de ensino dobrou no período de 2000 a 2009, passando de 860, para 1.780. Este aumento, porém, é insuficiente para justificar o aumento do nível de escolaridade, uma vez que a cidade é destino de um forte processo migratório, e grande parte desses migrantes realizou sua formação acadêmica em outros municípios. De acordo com Fauré (2005), “ao crescimento demográfico da cidade, contribuiu, sobretudo, o saldo migratório.” (pg. 230).

Os subsetores de comércio, tanto atacadista quanto varejista, tiveram taxas de crescimento positivas ao longo de todo o período (com exceção do comércio atacadista, que teve uma ligeira queda de 2003 para 2004, voltando a crescer em seguida), resultando em aumentos de 1.333 e 6.378, respectivamente, ao final de 2009, em relação a 2000. É importante ressaltar, porém, que essas coletas de dados são realizadas em dezembro,

quando, tradicionalmente, a contratação de empregados para o setor é mais elevada, em relação ao resto do ano, o que pode contribuir positivamente para o número de empregados desses subsetores.

O subsetor de administração técnica e profissional, que é o segundo que mais emprega trabalhadores formais em Macaé, cresceu 10% no período, o que, apesar de ser um crescimento relativamente tímido para um período de dez anos, resultou no emprego de 6.979 novos trabalhadores.

A análise destes dados leva à questão da continuidade do crescimento da economia de Macaé. Com o aumento da exploração do petróleo, a demanda por serviços gerada pelos trabalhadores envolvidos nesta cadeia aumenta, levando a uma diversificação da oferta de serviços na cidade.

Entretanto, o petróleo é um recurso finito e quando sua exploração se aproximar do fim, este influxo de renda tende a diminuir, gerando uma diminuição na demanda por serviços, já que não haveria criação de renda nova.

No período estudado, apesar de haver um aumento e uma maior diversificação na oferta de serviços, como os da área de saúde (médicos, odontologistas e veterinários), ensino, comércio, transportes, alojamentos e comunicações, não houve uma grande diversificação industrial, que poderia gerar uma geração de renda para a cidade após o fim da exploração do petróleo. A construção civil também teve um crescimento expressivo neste período, mas também pode se considerar que uma vez que cessasse a geração de renda na cidade e a migração de trabalhadores para Macaé, o número de empregados neste setor também diminuiria.

Apesar de se notar um aumento significativo no número de trabalhadores formais das indústrias mecânica, de alimentos e bebidas e metalúrgica, esse número ainda é muito menor do que os da indústria extrativa mineral, que compreende a exploração de petróleo.

CONCLUSÃO

Frente aos dados apresentados anteriormente, pode-se constatar um acentuado aumento no nível de atividade econômica, na cidade de Macaé, no período compreendido entre 2000 e 2009.

Esta evolução mostra-se não apenas uma evolução quantitativa como também uma evolução qualitativa no universo de trabalhadores do município, elevando-se, sobretudo, o nível de renda e a qualificação destes trabalhadores.

Analisando essa evolução ocorrida em Macaé sob a ótica da teoria de François Perroux, pode-se concluir que a aglomeração industrial em Macaé é um dos fatores importantes para o desenvolvimento e diversificação das atividades econômicas do município.

Não se pode concluir, pela análise dos dados, que a estrutura econômica montada em Macaé seja para suprir diretamente a cadeia de extração de petróleo. Entretanto, é indiscutível que é esta cadeia produtiva que move a cidade e sua economia. Podemos afirmar, portanto, que ela move indiretamente as outras atividades, uma vez que os trabalhadores da cadeia de petróleo se instalam em Macaé e precisam suprir suas necessidades.

A vinda destes trabalhadores, com maiores qualificações e remunerações modificou enormemente o tecido social de Macaé. Criou-se uma demanda mais sofisticada e diversificada, que antes inexistia na cidade, fazendo com que, naturalmente, as atividades econômicas se diversificassem, de modo a atendê-la. Perroux diz que a aglomeração industrial-urbana faz com que os padrões de consumo urbanos se tornem diversificados e progressivos, quando comparados aos padrões de consumo rurais.

Portanto, ao se analisarem os conceitos de pólo de crescimento, indústria motriz e indústria movida, para a cidade de Macaé, algumas ressalvas se fazem necessárias. Pode-se dizer que a implantação da indústria de petróleo nesta região atraiu outras indústrias para lá.

. Porém a extração de petróleo é uma atividade intensiva em tecnologia e fortemente internacionalizada. Encontramos em Macaé apenas uma parcela dos fornecedores – em particular serviços. O fornecimento de produtos industriais à extração de petróleo ainda está majoritariamente situado fora do município e, em várias situações, fora do país. A extração de petróleo gera nesse sentido, fortes impulsos econômicos para fora do município e da região. .

Macaé pode ser classificada como estando em um estágio intermediário ou avançado, na teoria de North, uma vez que não é mais uma economia agrícola e caminha para se tornar uma economia mais sofisticada, industrializando-se e aumentando a oferta de serviços. Outro motivo para o avanço de Macaé nestes estágios de desenvolvimento é a melhoria na infraestrutura e nos transportes. Este fato, porém, não é característico apenas de Macaé, mas também da região em que a cidade está inserida, como mostra o exemplo de São João da Barra, onde está sendo construído o Super Porto do Açú.

Outra similitude entre o que está ocorrendo em Macaé e a teoria de North são os investimentos governamentais de modo a melhorar o nível de renda absoluta e per capita da região. Com o investimento dos royalties do petróleo em setores como educação (inclusive em ensino superior), saúde e infraestrutura, potencializa-se uma independência da economia da cidade em relação a esta atividade no futuro, com a formação de uma mão-de-obra qualificada local.

Os dados da RAIS mostram uma estrutura social desconcentrada, onde 25% dos trabalhadores formais ganham mais de dez salários mínimos por mês e 17% recebe entre cinco e dez salários mínimos. Há de se ressaltar, porém, que apesar de os dados só mostrarem 1% dos trabalhadores de Macaé no grupo que recebe menos de um salário mínimo por mês, os trabalhadores informais não estão contemplados nesta pesquisa, o que certamente aumentaria a porcentagem dos extratos inferiores de remuneração. Entretanto, não se pode precisar a dimensão do trabalho informal em Macaé por dados oficiais.

Esta descentralização da estrutura de renda é positiva, de acordo com a teoria de North, uma vez que uma polarização da remuneração total em um pequeno grupo de

trabalhadores dificultaria o desenvolvimento e a diversificação das atividades domésticas de Macaé.

Pode-se dizer então, que apesar da indústria extrativa mineral ter crescido muito em participação, no período compreendido entre 2000 e 2009, a economia macaense está se diversificando.

Esta diversificação, entretanto, aliada ao crescimento econômico do município é estimulada por duas formas pelo aumento das atividades relacionadas ao petróleo: i) a migração de trabalhadores mais qualificados para a cidade, elevando a renda absoluta e per capita e criando uma demanda até então inexistente e ii) o recebimento de royalties decorrentes desta atividade, o que permite ao governo municipal investir em infraestrutura, saúde e educação, entre outras coisas, possibilitando que o crescimento da cidade se dê de forma mais organizada e direcionada.

A questão dos royalties, entretanto, fundamental para o crescimento visto no período vislumbrado por este estudo (entre 2000 e 2009), depende de discussões políticas, em tramitação no Congresso Nacional, a respeito da partilha dos recursos oriundos da extração de petróleo, entre municípios e estados produtores ou até mesmo entre todas as unidades e municípios da federação.

Em relação à diversificação ocorrida na economia de Macaé, pode-se dizer que ela ainda está dando seus primeiros passos.

As empresas atraídas para a cidade, no período estudado, são quase todas voltadas ao complexo petrolífero, sendo majoritariamente de serviços. Vislumbrando o começo da produção da camada do pré-sal, algumas indústrias fornecedoras começaram a se implantar na região.

Em termos de diversificação das atividades econômicas, predominaram as atividades de serviços voltadas à população municipal, que se expandiu e se sofisticou, com a migração de trabalhadores com maior nível de renda para a indústria do petróleo, como é o caso, principalmente, do comércio varejista e atacadista e de aluguéis e alojamentos.

Entre os novos serviços, que podemos também considerar como diversificação, os de saúde e ensino tiveram grande destaque no decorrer do decênio contemplado por este trabalho.

Já em termos de indústria de transformação, chamou a atenção o crescimento de dois setores: o da indústria mecânica e de alimentação. Embora a indústria mecânica seja em parte voltada à prestação de serviços à extração de petróleo, ela deve ser considerada uma importante base de apoio à diversificação produtiva.

Entretanto, o crescimento do emprego em Macaé decorre ainda principalmente da extração de petróleo e de atividades a ela ligadas. Põe-se em cheque, então, a capacidade de crescimento de Macaé no médio a longo prazo, quando o influxo de renda oriunda da exploração do petróleo já não for tão abundante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL ENERGIA. **Os Dois Lados da Rica Macaé**. BRASIL ENERGIA. no 265: 26-47, dez. 2002.

CRUZ, José Luis Vianna da. **Projetos nacionais, elites locais e regionalismo: desenvolvimento e dinâmica territorial no Norte Fluminense nas décadas de 1970 a 2000**. Rio de Janeiro, 2003. Tese (Doutorado) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

DIAS, R. S. **A FORMAÇÃO DE UMA AGLOMERAÇÃO INDUSTRIAL EM MACAÉ, RJ: uma caracterização da espacialidade da indústria petrolífera e seus impactos no espaço urbano macaense e sua região de entorno**. Monografia de final de curso. CEFET Campos. Campos dos Goytacazes, 2005.

FAURÉ, Y.A.; HASENCLAVER, L. (org). **O Desenvolvimento Econômico Local no Estado do Rio de Janeiro – Estudos Avançados nas realidades Municipais**. Ed. Rio de Janeiro: e-papers, 2005.

FAURÉ, Yves-A. A transformação da configuração produtiva de Macaé,RJ: uma problemática de desenvolvimento local. In: FAURÉ, Yves-A, HASENCLEVER, Lia. (Orgs).**O Desenvolvimento Econômico Local no Estado do Rio de Janeiro.Rio de Janeiro: E-Papers**, p. 69-109 2003.

NASCIMENTO, Renata Leite Pinto do. **O impacto da Petrobrás no município de Macaé: uma análise das mudanças urbanas e na estrutura do emprego**. Rio de Janeiro, 1999. Tese de Mestrado, Planejamento Urbano e Regional. UFRJ.

NORTH, D.C. Teoria da localização e crescimento econômico regional. In: SCHWARTZMAN, Jaques (org.) **Economia Regional, Textos Escolhidos**. Belo Horizonte: Cedeplar, 1977.

PERROUX, F. O conceito de pólo de crescimento. In: SCHWARTZMAN, Jaques (org.) **Economia Regional, Textos Escolhidos**. Belo Horizonte: Cedeplar, 1977.

PREFEITURA DE MACAÉ. Disponível em <<http://www.macaee.rj.gov.br/>> Acesso em 20 dez. 2010.

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais. Brasília: Ministério do Trabalho, 2009.

RAPPEL, Eduardo. Oportunidades e desafios do parque nacional de fornecedores de bens e serviços para o setor de petróleo e gás. In: PIQUET, Rosélia (Org). **Petróleo, Royalties e Região**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

SILVA, L.C. **Da cana ao petróleo: dinâmica intra-urbana recente em Macaé**. Rio de Janeiro, 2006. Tese de Mestrado, ENCE/IBGE.